



Debate sobre a exportação de máquinas, Inglaterra

*On The Evils of Law Prohibiting the Export of Machinery*¹

Vejam agora as vantagens que resultariam da abolição da lei. (...) O inevitável efeito da remoção das atuais restrições será de fazer da Inglaterra o centro mundial das invenções mecânicas, bem como, da sua aplicação. A potência e espírito do comércio inglês tornar-se-á evidente quando for inteiramente liberado para fazer frente às imaginadas vantagens de outras regiões. Os recursos internos do país se multiplicarão junto com a expansão da esfera do comércio, e esta expansão manterá sua posição de liderança mundial na marcha da civilização e da virtude moral. O caráter dos habitantes dessa ilha, sua contribuição e seu clima formam um conjunto que assegura sua ascendência, em proporção direta com o desembaraço do seu comércio. A habilidade e assiduidade dos nossos artesãos são universalmente conhecidas e dão à Inglaterra uma vantagem sobre todas as demais nações em termos de mão-de-obra. De fato, esta vantagem é inerente à sociedade inglesa. É impossível imaginar que qualquer nação pudesse rivalizar-nos no que diz respeito a nossa diligente população operária, sem que tal nação passasse por profunda revolução natural – um acontecimento pouco provável. A preeminência britânica deve-se justamente a esta diligência, a qual tornar-se-á ainda mais vital, quando encorajada pela expansão do comércio e da manufatura. O operário inglês possui uma capacidade extraordinária para se fazer mestre da máquina, simplificando e aperfeiçoando suas peças, mantendo-a em condições perfeitas, e maximizando sua produção. Essa peculiaridade do nosso caráter nacional é estimulada pela certeza de uma recompensa justa e pela possibilidade de uma real mobilidade social. Quantos exemplos de simples trabalhadores que se ergueram a posições de distinção e riqueza por seus esforços honestos, não poderiam citar aqui? Existem tantos exemplos de homens, vivendo entre nós, que se emanciparam de um berço pobre e uma formação educacional limitada, assim tomando seus lugares naquela classe da sociedade na qual a inteligência superior e a virtude moral são qualificações de estimo e admiração. A grande massa dos trabalhadores do continente [europeu] não possui nem orgulho nem a iniciativa do trabalhador inglês. Suas ambições fluem para outros canais. Entre os continentais não se encontra um Smeaton, um Watt, um Arkwright Pell ou um Telfort.

Além da firma perseverança e inteligência ativa de seus artesãos, a Inglaterra conta com o capital muito mais amplo do que aquele de qualquer outra nação; também abundam as minas inexauríveis de carvão, ferro e outros metais: estas fontes de riquezas muito maiores do que aquelas já encontradas nas minas de Golconda ou Peru, pois sem elas seria impossível realizar nossos grandes aperfeiçoamentos mecânicos e nós empreender no processo que vai da remoção do minério bruto até a transformação da máquina acabada.

¹ Manchester Comitee of Machine Makers, 1841. Trad.: Prof. Douglas C. Libby

Não teríamos o dever portanto, de encorajar o comércio de maquinaria por todos os meios ao nosso alcance, em vez de acorrentá-lo por uma legislação restritiva?

Ao riscar essa Lei dos Estatutos, asseguramos à classe manufatureira as vantagens das quais ela já vem gozando, pois a preeminência derivada da introdução das primeiras máquinas e invenções aperfeiçoadas terá continuidade, uma vez que estas sejam colocadas no mercado mundial. Abolindo a Lei, estes país estará tornando-se o armazém maquinário do mundo, e assim oferecerá aos inventores estrangeiros um ambiente propício aos seus trabalhos, provindo-os com maior e mais lucrativo mercado para seus inventos, além de força de trabalho mais capaz de transformar suas idéias toscas em produtos operacionais. Embora a habilidade mecânica deste país nunca tenha sido superada, não devemos imaginar que tenhamos monopolizado a inteligência de toda a raça humana. Como pólo de atração, não precisamos temer a inteligência e a experiência de outras nações. Não estamos longe da hora em que, além dos mercados já existentes, se abrirão novos continentes de vastas e desconhecidas extensões, onde a civilização e a ciência estão apenas iniciando-se, provocando o desejo nesses jovens países de aproveitarem-se da potência das máquinas para efetuar melhoramentos locais e estender seu comércio. E quem serão os seus fabricantes? Será que as máquinas vão entrar nesses países, com já acontecem em várias outras nações, através do contrabando? Ou pior, vamos forçá-los a procurar fabricantes estrangeiros, assim desistindo deste lucrativo ramo do comércio?

A questão que se coloca não é se vamos permitir que nossa aperfeiçoada maquinaria seja exportada ou não; pelo contrário, é de saber se serenamente, vamos conceder este comércio aos nossos concorrentes estrangeiros, dando-lhes o legítimo lucro das nossas próprias invenções.

*Address on the Export Machinery*²

A maquinaria não pode ser classificada nem como matéria prima, nem como produto manufaturado. Em seu caráter essencial, a maquinaria se diferencia daqueles dois grandes objetos do comércio e, portanto, deve ser tratada, dentro da nossa política econômica geral, de acordo com suas propriedades peculiares e distintas. Ela constitui a habilidade mecânica concentrada no país, incorporada numa forma que nos permite produzir bens manufaturados por um preço bem menor do que seria possível sem ela.

Os defensores da exportação da maquinaria alegam:

1º que a exportação clandestina não pode ser evitada;

2º que, mesmo que fosse possível proibi-la, outros países seriam capazes de fabricar maquinaria de qualidade igual, atraindo para sua manufatura operários especializados ingleses;

3º que estamos negando aos fabricantes de máquinas um ramo do comércio, e ao mesmo tempo, ao país como um todo, as vantagens que este comércio oferece.

Respondemos assim às alegações:

² *Manchester Chamber of Commercer*, 1826. Trad.: Prof. Douglas C. Libby

1º que, embora as leis existentes, relativas à exportação de maquinaria, sejam complicadas e indistintas, não pode haver dúvida que elas tenham funcionado admiravelmente no sentido de evitar a grande maioria de tais exportações;

2º que, até hoje, as outras nações não se tem mostrado capazes de fabricar maquinaria e que ainda se encontram em considerável atraso em relação à Inglaterra, portanto, enquanto essas nações seguem os nossos passos, podemos esperar manter a nossa liderança no progresso do aperfeiçoamento mecânico;

3º que nossos fabricantes e operários não são apenas digo capazes de suprir a atual demanda gerada pela manufatura inglesa para seu trabalho, e que os interesses de uma classe particular nunca podem opor-se ao bem comum, ademais, se a proibição da exportação não tem causado prejuízo até agora, sua continuação não há de prejudicar a ninguém... Em outras palavras, conter o desenvolvimento de um ramo do comércio seria injusto, desde que sua expansão não implicasse na ruína de outros setores, mas conceder uma prosperidade súbita a uma categoria, em detrimento às demais, constitui uma parcialidade e um favoritismo muito pouco justos.

Supõe-se aprioristicamente que, se o comércio externo em maquinaria fosse liberado, sua expansão seria permanente. A probabilidade é muito grande de que isto não aconteceria. Ora, se, como insistem os defensores da exportação, a proibição de exportação logo vais acabar por estimular a fabricação de máquinas em outros países, este potencial latente se realizaria ainda mais rapidamente quando uma exportação irrestrita lhes desse acesso livre a toda nossa melhor produção maquinária. Quanto maior for o aparente sucesso de abertura dessa exportação, mais rápida será a repercussão negativa para todos nós. A capacidade de utilizar uma maquinaria vantajosamente implica numa capacidade paralela de manutenção das máquinas – lembramos aqui, que o grau de especialização mecânica necessário à manutenção das máquinas é tão grande quanto a especialização que permite fabricá-las. Como é, então, que podemos imaginar que outros países permanecerão como nossos compradores de máquinas novas, contatando-se apenas com sua manutenção? Dado que estas nações se mostram ansiosos para se tornarem independentes em relação a nós na produção de bens manufaturados, não seria lógico que também quisessem ser independentes em termos de fabricação de maquinaria?

Os aperfeiçoamentos das nossas máquinas foram realizados, lenta e custosamente, através dos esforços repetidos e combinados de inúmeras pessoas. Ao liberar a exportação, estaremos entregando aos nossos rivais, quase de imediato, e por um custo comparativamente baixo, aquilo que nos exigiu muito esforço e perseverança.

Durante algum tempo, nossos fabricantes de máquinas (...) ficariam quase que exclusivamente por conta do suprimento das fiações e tecelagens estrangeiras, fornecendo uma maquinaria avançada, enquanto nós estaríamos forçados a trabalhar com nossas velhas máquinas, cuja manutenção encareceria, dada a escassez de mão-de-obra. Assim, nossos rivais adquiriam, às nossas custas, vantagens que nunca gozamos, aos mesmo tempo que ficaria impossível concorrer em pé de igualdade com eles.